



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	"Maktub": a ocultação do feminino em "Lavoura Arcaica"
Autor	MARIA PETRUCCI SPERB
Orientador	ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

O ano de 2015 foi dedicado à elaboração e estruturação da pesquisa que teve início em junho passado: a proposta de uma nova chave interpretativa para a obra-prima de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, tradicionalmente lida a partir do materialismo dialético, foi motivada pelo incômodo causado pelo silêncio da personagem Ana. Como uma tentativa de exceder a análise clássica, cujo foco e centro é o narrador e protagonista André, a teoria direcionou-se para os estudos feministas e pós-estruturalistas, com destaque para a pensadora norte-americana Judith Butler, e o objetivo tornou-se o de desocultar o texto, desvendar seu *modus operandi* e investigar a manutenção do apagamento da voz feminina e o porquê de ela se apresentar essencial para a preservação da lógica masculinista e binária que rege a *Lavoura Arcaica*. Se o narrador é a única voz que tudo organiza e orienta, seria preciso, para alcançar a figura de Ana e conferir às passagens centrais do romance uma análise que lhes seja digna, problematizar a posição de André e desenvolver um trabalho descritivo de denúncia do funcionamento discursivo da ocultação do feminino e de sua imprescindibilidade para a ordem patriarcal. O principal conceito de Butler utilizado no trabalho é o da *matriz heterossexual*: um discurso hegemônico de normatização dos corpos enquanto dados biológicos e necessariamente binários que é enraizado e repetido compulsoriamente pelo maquinário cultural que nos produz. *Maktub* é justamente isso, é a parábola do avô que se basta pela justificativa de que “está escrito”. É a política da história das origens, uma estratégia narrativa que, ao elaborar uma única e autoritária descrição de um passado irreversível, estabelece de maneira pré-ontológica a distinção entre o masculino e o feminino, cabendo ao último, em função da diferença sexual baseada apenas no regime biológico, o *locus* da reprodução, da obediência, da resignação. Em 2016, o estudo acerca dos enquadramentos interpretativos que constituem as condições de reconhecimento dos sujeitos foi aprofundado a partir da leitura de *Quadros de Guerra*, ainda de Butler. O *Totem e Tabu* de Freud auxiliou no entendimento da instituição do tabu do incesto, e do da homossexualidade que o antecede, enquanto produtora das fronteiras que delimitam os corpos inteligíveis, coerentes. A bibliografia até então permitiu concluir que o não-reconhecimento da posição masculina como distintiva causa um estrago à economia falocêntrica; a questão, agora, é o caminho a seguir. Deleuze classifica a produção de Foucault em um percurso teórico composto por três instâncias – o saber, o poder e a subjetivação –, o que poderia ser transposto para esta pesquisa e servir de maneira pertinente como um passo a passo: para se chegar à subjetivação, à insurreição da voz ocultada, é preciso denunciar as premissas que instituíram esse silenciamento e a disciplina que o sustenta. O trajeto se desenvolveria privilegiando a investigação do gerenciamento da “ocultação”, pensando a economia discursiva do luto associada à noção do corpo abjeto, *ungrievable*, para, enfim, ser capaz de dimensionar o potencial político da “performance”, pensando no poder da vulnerabilidade quando liberta – vulnerabilidade no sentido *queer* de aparecer, mostrar-se, evidenciar-se.